

Por Thais Santi



# Em busca da reinvenção

China busca sustentabilidade da indústria em novo ciclo de crescimento após mudança do modelo de desenvolvimento econômico que provocou fechamentos de indústrias deficitárias e incentivou investimentos em busca de qualidade. Chineses e brasileiros do setor falam sobre oportunidades e desafios no novo cenário

**E**m que mundo estamos? Para onde vamos? O que podemos esperar? As respostas não são mais tão exatas como eram tempos atrás, depois que o cenário econômico mundial deu reviravoltas nunca antes imaginadas nestes últimos anos. Apesar das mudanças – e ainda no percur-

so de seu ciclo de transformação –, podemos afirmar com certeza que a China continua sendo o país que mais cresce, mantendo-se como a segunda maior economia mundial.

A China de ontem não é mais a China de hoje, depois de ter feito alterações no modelo de desenvolvimento econômico, que



A Fibria atua no mercado chinês há mais de 20 anos e foi a primeira empresa brasileira a exportar celulose para o país

provocou fechamentos de indústrias deficitárias e alavancagem de investimentos em busca de mais qualidade. “Como o governo chinês impõe severamente as normas ambientais, uma consolidação em grande escala está ocorrendo em um ritmo muito mais rápido do que o encontrado nos países ocidentais, com muitos fechamentos de fábricas de papel pequenas e desatualizadas”, disse a Direção da Nine Dragons em entrevista exclusiva à Revista O Papel. Abaixo o antigo paradigma de que produto chinês é descartável! Agora, a história que vamos contar com foco no setor de base florestal é outra e só reservará espaço no roteiro para aqueles que real-

mente produzem e vendem celulose de alta qualidade. *(Veja detalhes no quadro “Mudanças na economia do gigante asiático”)*

Os produtores da celulose brasileira certamente ganham papéis de protagonista nessa nova história do mercado chinês com suas demandas em reinvenção. Com um PIB de US\$ 10,36 trilhões e crescimento de 7,4% registrados no ano passado, de acordo com o National Bureau of Statistics do governo da China, o setor industrial, que compreende as fabricantes de papel e o agronegócio, respondeu por 51,8% desse volume sobre a geração de caixa total da economia chinesa, apresentando potencial de crescimento para os próximos anos.

Segundo economistas e executivos do setor de celulose e papel, foram anunciadas medidas do governo para incentivar o consumo doméstico de produtos de primeira necessidade, como o papel em suas diversas aplicações. Atualmente, a China é líder mundial na produção de papel e a segunda maior fabricante de celulose, mas tem déficit de 75% da commodity para suprir sua demanda interna de fibra.

#### **Confira na tabela a produção por empresas na China)**

Com isso, o governo estima um crescimento de aproximadamente 2% do consumo total da celulose produzida no mundo para abastecer a China nos próximos anos. Não será qualquer commodity que entrará no mercado com boa aceitação. “A era do baixo custo dos produtos *made in China* já está no passado. As empresas chinesas estão agora ajustando rapidamente suas estratégias e esforços em linha com tais mudanças, investindo mais em gestão ambiental, automação, responsabilidade social e maior transparência corporativa, entre outros valores”, disse a Direção da Nine Dragons.

O conceito “menos é mais”, como se diz em gestão moderna em relação a mais qualidade e menos quantidade, é a nova tônica das gigantes chinesas. Isso implica um crescimento mais lento pela demanda do processo de transformação econômica, mas é um caminho já tomado e natural, conforme Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), se considerada a maior consciência sobre a necessidade de inclusão social despertada na China.

“Esses saltos que ampliam a visão da sociedade de tempos em tempos promovem também aumento de consumo de produtos de necessidade fundamental, como os papéis para fins sanitários, que recentemente foram responsáveis pelo maior consumo da celulose brasileira exportada para a China”, explica Elizabeth. “A grande população chinesa tem uma enorme demanda por todos os tipos de produtos de papel, incluindo os de uso diário para comunicação e embalagem”, disse a Direção da Nine Dragons.

Nesse contexto, o Brasil se enquadra como um importante

parceiro comercial da China no fornecimento da celulose. No ano passado as vendas geraram US\$ 1,7 bilhão de receita em exportações da commodity brasileira para o país asiático. Segundo a APEX – Conselho Empresarial Brasil-China, o crescimento dos negócios chegou a quase 100% de 2008 a 2014. No mesmo ano, o total do comércio bilateral brasileiro com a China foi de US\$ 86,59 bilhões, de acordo com dados do Banco Mundial.

Atualmente, o Brasil responde por 23% do volume de celulose fibra curta de eucalipto importado pela China. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o volume exportado pelo Brasil aumentou 8,7% entre janeiro e agosto deste ano, o que ajudou a superar os efeitos causados pela queda do preço internacional do produto, que, no mesmo período, reduziu-se em 6,8%, na média.

**(Confira os dados de exportação do setor na tabela)**

A relação poderá ser ainda mais favorecida se os planos do governo brasileiro se consolidarem, a partir da entrada em ação do Plano Nacional de Exportações (PNE), lançado em junho deste ano. Tendo por objetivo aumentar as exportações brasileiras e o número de empresas que operam no comércio exterior, a iniciativa dispõe medidas para elevar as exportações do agronegócio e recuperar as vendas externas de produtos manufaturados.

“O plano representa um passo importante para conferir novo status ao comércio exterior, com ações estruturais que vão além de uma visão de curto prazo e que são as bases para dinamizar e tornar mais competitiva nossa economia”, afirmou o ministro Armando Monteiro, do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio (MDIC). O documento prevê um conjunto de ações a serem desenvolvidas no quadriênio 2015-2018, como acesso a mercados, promoção comercial, facilitação de comércio, financiamento e garantias às exportações e aperfeiçoamento de mecanismos e regimes tributários para o apoio às exportações.

Outro fator que já tem impulsionado essa aproximação dos mercados Brasil-China: o contato direto das fabricantes de celulose do Brasil com as produtoras de papel da China. Sérgio Kilpp, diretor comercial da CMPC – Celulose Riograndense, lembra que até pouco tempo atrás as empresas chinesas compravam exclusivamente através dos traders, o que, de certa forma, impedia um contato mais próximo com os produtores e, conseqüentemente, negociações mais justas.

Agora as fábricas, de forma cada vez mais acentuada, estão atendendo os clientes chineses diretamente ou por meio de escritórios locais. “Para isso, precisamos ter estoque local nos portos e realizar um trabalho próximo ao cliente, tanto no âmbito comercial quanto técnico. No nosso caso, temos uma companhia em Xangai que atua

como nossa representante comercial na China, com atividade 100% dedicada à CMPC”, afirmou Kilpp.

Isso permitiu um avanço relevante das relações com o país. “Como a China comprava de forma spot, não discutia contratos. Por amadurecimento e maior inserção no mercado de papel, o país asiático entendeu que as fábricas de celulose, com seus processos de produção contínuos, necessitam de maior previsibilidade nos embarques. Assim, os contratos passaram a fazer parte da relação comercial”, destacou o executivo da CMPC.

Essa aproximação favoreceu a ambos, tanto para o planejamento da produção e embarques quanto para a segurança do comprador, que precisa ter sempre suas necessidades atendidas. “A fábrica requer regularidade de embarques e volume. A China evoluiu muito nesse aspecto, especialmente nos últimos três anos”, acrescentou Kilpp.

Segundo Luis Felli, diretor de Operações Comerciais da Eldorado Brasil, no início a fábrica foi vista como uma boa alternativa, por ter acabado de entrar no negócio de celulose. Rapidamente, a empresa se estabeleceu no mercado chinês e hoje já tem posição consolidada como fornecedor confiável de celulose de qualidade. “Temos um escritório em Xangai que coordena toda a atividade comercial e logística na China. Nossos colaboradores são, em sua maioria, chineses, que conhecem a cultura, os mercados e os clientes. Isso facilitou em grande parte os desafios encontrados no início das operações”, destacou o diretor de Operações Comerciais da Eldorado Brasil.

Com relação à parte logística, a Eldorado inaugurou em 30 de junho último seu armazém no porto de Santos (SP). A estrutura, devido às tecnologias em movimentação de carga, vai garantir uma economia anual de custos logísticos da ordem de R\$ 80 milhões. Além disso, o terminal próprio facilita o acesso ao exterior, destino de

Em junho deste ano, a Eldorado inaugurou no porto de Santos (SP) seu armazém, que, devido às tecnologias em movimentação de carga, vai garantir uma economia anual de custos logísticos da ordem de R\$ 80 milhões, facilitando a exportação da celulose



DIVULGAÇÃO ELDORADO BRASIL

The image shows the flag of China, which is red with five golden-yellow stars in the canton. One large star is positioned to the left of four smaller stars that form an arc. The flag is set against a dark red, textured background that resembles a torn paper edge at the bottom.

## Mudanças na economia do gigante asiático

A China lidera o crescimento entre os mercados emergentes, mas, com o foco no incentivo de sua economia doméstica, terá um grande desafio pela frente. Suas proporções continentais e população de 1,38 bilhão de pessoas têm feito o governo injetar grande volume de recursos para promover o desenvolvimento da sociedade.

Definido como um processo de transformação, chamado pelo próprio governo como “o novo normal”, já assumindo que a taxa de crescimento deverá manter-se nos próximos anos, ainda com média de 6% ao ano em seu PIB, as mudanças foram sentidas nas bolsas há alguns meses, com quedas para as empresas asiáticas, trazendo volatilidade à moeda chinesa – algo que o governo busca equilibrar. A experiência, entretanto, foi forte o bastante para mostrar que a China precisa dos demais mercados para sobreviver e sustentar seu crescimento. Recentemente, Li Keqiang, primeiro-ministro da China, disse, durante conferência econômica em Dalian, que o país adotará medidas para expandir a demanda doméstica e implementará políticas para aumentar as importações.

“A economia na China está passando por uma grande reestruturação: do crescimento baseado no investimento para o crescimento baseado no consumo. Nesse sentido, o comércio continua a ser importante, apoiando a economia no curto prazo. Com a liberalização financeira, a política monetária acompanhará mais a flutuação do mercado, trazendo mais volatilidade para o renminbi. Além disso, haverá cortes da taxa de juros e da RRR (taxa de reserva de capital) para apoiar o crescimento”, destacou David Katsnelson, diretor de Macroeconomia da RISI.

Para Charles Tang, presidente da Câmara de Comércio de Indústria Brasil–China (CCIBC), a economia de seu país deverá estabilizar-se e estabelecer-se uma grande preocupação com a qualidade dos produtos e dos processos, ou seja, com a sustentabilidade nesse próximo ciclo de crescimento chinês. “Outro fator que permite à China manter-se competitiva é o grande excesso de capacidade, configurando-a como a maior exportadora do mundo. Muitos afirmam que a competitividade se dá pela mão de obra barata, o que não é mais realidade. Além disso, o custo dos produtos não é formado apenas por esse ponto. A China conta com uma logística muito bem desenhada e uma favorável política de impostos”, pontuou Tang.

Todas essas transformações estão diretamente ligadas à iniciativa “Made in China 2025”, lançada recentemente pelo governo para atualizar de forma abrangente a indústria chinesa. A ideia inspira-se diretamente no plano da Alemanha da “Indústria 4.0”, com foco na produção inteligente, abrangendo produtos, equipamentos, gestão e serviços, incluindo desenvolvimento de softwares e robótica, armazém automatizado, sistema de manufatura, sistema de gerenciamento de armazenamento e transporte, e aplicação de sistemas de hardware e software. **(Saiba mais sobre a Indústria 4.0 na entrevista publicada na edição de agosto deste ano da revista *O Papel*).**

“A Indústria 4.0 diz respeito a uma nova fase da revolução industrial e envolve a comunicação entre máquinas. O termo foi utilizado pela primeira vez em 2011 na Feira Industrial de Hannover, na Alemanha. A Voith, sendo uma empresa alemã, já absorveu o conceito em seu portfólio de produtos/serviços e tem trabalhado na difusão desta tendência no Brasil atualmente”, pontuou Flavio Silva, presidente da Voith na América do Sul.

90% de toda a produção de celulose da Eldorado. “Esse é mais um marco de nossa operação, fortalecendo nossa estratégia de atender clientes de outros continentes com a eficiência de produtores locais”, afirmou Felli.

A situação não é diferente no caso da Fibria. A empresa possui dois escritórios de representação: um em Hong Kong e outro em Pequim. “Atuamos no mercado chinês há mais de 20 anos. Fomos a primeira empresa brasileira a exportar para lá; abrimos o mercado e construímos relacionamento. A estratégia de estar perto do mercado consumidor chinês e asiático em geral permite um relacionamento sólido, duradouro e individual com os clientes”, destacou Henri Philippe Van Keer, diretor executivo comercial e de Logística Internacional da Fibria.

Manter um mesmo balanço entre as determinadas regiões para não ficar dependente de um único local também é outro ponto importante indicado por Renato Tyszler, diretor comercial e de Marketing da Suzano Papel e Celulose, empresa que também mantém relações comerciais com a China. “O Brasil figura como o principal fornecedor de fibra curta e, sem dúvida nenhuma, exerce um importante papel nessa relação. A Indonésia e o Chile também se destacam, mas sabemos que a China não teria todo o suprimento sem o nosso país”, afirmou Tyszler.

Todos esses investimentos e estratégias reforçam a Ásia como o maior potencial de crescimento e grandes oportunidades para a celulose brasileira nos segmentos de papéis tissue e papelcartão com base em fibra virgem – em especial no fornecimento para as fabricantes que estão em busca de melhorias na qualidade do pa-

pel, aumentando o uso de fibra virgem em substituição à fibra longa e fibras recicladas, para máquinas com tecnologias mais avançadas, que permitem tal configuração, acompanhando o processo de transformação da indústria chinesa. **(Confira na tabela as vendas de celulose por destino dos principais fabricantes do Brasil)**

Embora a demanda por papéis para imprimir e escrever esteja diminuindo, no caso dos papéis tissue continua a subir, conforme dados da RISI, consultoria especializada no setor. “Investimentos chineses na produção de tissue não faltam, mas esperamos ver mais fechamentos de capacidade, bem como atrasos, uma vez que há muita produção nova entrando no mercado ao mesmo tempo, de modo a levar as empresas a operar com capacidades reduzidas. Entre 2000 e 2014, a China teve um crescimento de 39% no consumo de papel tissue, que gira em torno de 7% ao ano, caminhando em paralelo ao crescimento de seu PIB”, afirmou Esko Uutela, diretor da RISI para Papéis Tissue, durante evento realizado pela empresa em São Paulo (SP) em agosto deste ano.

Essa sobrecapacidade na China tem afetado o mercado global de tissue, com o crescimento do consumo caindo de 4% para 3,6% ao ano. No consumo mundial por papel tissue, a China passou a Europa ocidental (19,2%) em tamanho de mercado, com 19,5%, mas a América do Norte ainda lidera o consumo, com 25,7%.

O mercado de celulose fluff também foi apontado pelos economistas da RISI como um segmento em crescimento, com a demanda para aplicações em produtos absorventes.

No mercado de papelcartão, a Ásia respondeu por 46% do consumo global em 2014, sendo a China a maior consumidora, com 27% dessa fatia. Embora o crescimento da demanda tenha diminuído de ritmo desde 2013, ainda se mantém acima dos 4%. Isso pode ser observado com uma capacidade massiva do cartão branco (ivoryboard) em 2014, com a colocação de 2,9 milhões de toneladas no mercado. Para 2015 e 2016, o ritmo do aumento de produção de capacidade de papelcartão diminuirá, com cerca de 1,79 milhão de toneladas a mais em expansões de capacidade e novas plantas.

### Competitividade “made in Brazil”

Enquanto o Brasil é, de longe, o maior fornecedor de celulose de fibra curta para a China, a Indonésia se destaca como o segundo fornecedor de cavacos de madeira. “Para se ter uma ideia, a produção de celulose de fibra curta da China feita a partir de cavacos de madeira supera em 45% o volume de celulose importada do Brasil. A grande parte das exportações de cavacos foi destinada para a China, seguindo o restante para



DIVULGAÇÃO CCIBC

Charles Tang: “A economia chinesa deverá estabilizar e estabelecer-se uma grande preocupação com a qualidade dos produtos, dos processos, ou seja, com a sustentabilidade nesse próximo ciclo de crescimento chinês”

## Dados da relação comercial do setor de celulose e papel entre Brasil e China

### EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE PAPEL E CELULOSE – TOTAL E PARA A CHINA

	Total		Para a China	
	US\$ FOB milhões	1.000 t	US\$ FOB milhões	1.000 t
<b>Celulose</b>				
2010	4.762	8.803	1.126	1.959
2011	5.002	8.910	1.300	2.213
2012	4.706	8.940	1.237	2.328
2013	5.186	9.880	1.582	2.980
2014	5.298	11.057	1.711	3.393
Jan.-jul./2015	3.123	6.930	992	2.137
<b>Papel e cartão</b>				
2010	2.009	2.074	87	99
2011	2.188	2.052	97	107
2012	1.951	1.875	77	80
2013	1.970	1.866	82	84
2014	1.922	1.847	91	91
Jan.-jul./2015	1.173	1.168	62	65

Fonte: MDIC/SECEX



Produção por empresas em milhões de toneladas na China (2014)	
Papel e celulose	
Empresa	Produção
Nine Dragons	12.260
Lee & Man Paper	5.000
Shandong Chenming	4.260
Huatai Group	3.160
Shandong Sun Paper	3.150
Anhui Sanying	2.420
Fujian Liansheng Paper	2.000
Gold East Paper (Jiangsu)	1.950
Ningbo Zhonghua Paper (Incl. APP Ningbo P&P)	1.830
China Paper Investment Group	1.780
Long Chen Paper (China)	1.610
Shandong Century Sunshine Paper	1.090
Hainan Jinhai Pulp & Paper	1.070
Gold Hongye Paper	1.070
Zhejiang Jingxing Paper	1.060
Shangdong Bohui Paper	1.060
Dongguan Jianhui Paper	1.040
Fabricantes de Celulose	
Shandong Chenming	1.780
Shandong SSYMB (April)	1.700
Hainan Jianhai Pulp & Paper	1.430

Fonte: China Pulp and Paper Association - Valmet

Vendas de Celulose por Destino dos Principais Fabricantes do Brasil				
	América do Norte	Europa	América Latina	Ásia
<b>Fibria</b>	24%	42%	8%	26%
<b>Suzano</b>	12%	31%	16%	41%
<b>CMPC</b>	1%	31%	17%	46%
<b>Eldorado</b>	10%	35%	13%	42%

Fonte: ABTCP – com informações das empresas (dados do 2T2015)





Henri Philippe Van Keer, da Fibria: “A estratégia de estar perto do mercado consumidor chinês e asiático em geral permite um relacionamento sólido, duradouro e individual com os clientes”

outros países asiáticos”, disse Robert Flynn, diretor para Investimentos Florestais da RISI.

Grande parte da celulose de fibra curta branqueada produzida na China usa cavacos de madeira importados de outras regiões através de compras no mercado aberto e inclui 12%-15% de plantios próprios no Sudeste Asiático, região que fornece entre 55% e 60% dos cavacos de madeira asiáticos (68% das importações da China até o primeiro semestre de 2015). Na Ásia, das importações de cavacos destinados à produção de celulose, esse número sobe para 92%.

“O país também utiliza muita fibra reciclada, e isso impede a garantia de repetição de um padrão de qualidade. Além disso, se gasta muita energia e grande quantidade de químicos na transformação das aparas – ou seja, entre trazer madeira, utilizar aparas e comprar a celulose pronta, logicamente muitas fábricas que produzem papel estão preferindo a última opção”, disse Kilpp, diretor comercial da CMPC. Embora a grande fonte de suprimento de fibras em nível global sejam – e continuarão sendo no futuro próximo – as fibras recicladas, segundo a empresa de consultoria Pöyry Tecnologia, a participação da celulose de mercado tem crescido rapidamente, com alta de cerca de 24% em 1995 para 35% em 2013, devendo atingir aproximadamente 42% em 2025.

Kilpp acrescenta que futuramente o país asiático será abastecido por uma parte de madeira do Vietnã e da Indonésia, mas o maior percentual será de celulose de outras regiões. “A principal razão de compra está no preço, embora esse fornecimento possa ser ameaçado por novas políticas no Vietnã, cujo governo pretende

maior processamento de madeira nacional, por exemplo, para móveis, de modo a reduzir a disponibilidade de volume para exportação. Apesar de as políticas governamentais claras anunciadas para restringir as exportações, o volume comercializado em 2015 foi 7% superior ao do ano passado”, apontou Flynn.

Outro importante player de cavacos de madeira é a Austrália, que, devido à desvalorização do dólar australiano, teve as vendas externas quase duplicadas ao longo dos últimos três anos. Flynn alertou ainda que a Austrália fornece um quarto das importações de madeira da Ásia, mas a falta de novas plantações pode gerar redução na oferta a partir de 2020.

O mercado discute ainda as vantagens com a proximidade logística para o fornecimento direto de celulose da Indonésia para a China, que poderia gerar impacto nas vendas da celulose de fibra curta pelo Brasil. Hoje, embora todas as plantas de celulose da Indonésia estejam concentradas em Sumatra, as plantações e as fábricas de processamento dos cavacos de madeira encontram-se em Kalimantan. A madeira utilizada para fabricação da celulose na região é de *Acacia magium*, mas a espécie tem desenvolvido vários problemas florestais, como podridão radicular, ceratocystis, entre outros danos causados por macacos na região. Por esses motivos, algumas companhias em Sumatra estão necessitando importar colmos de acácia da Malásia, ao mesmo tempo que as principais fábricas estão substituindo sua área florestal em Kalimantan por clones de *Eucalyptus pellita*.

“A mudança de espécies tem sido um grande revés no fornecimento de madeira para celulose, motivo que tem levado as empresas a mover-se rapidamente para melhorar os rendimentos. Mesmo diante dessa dificuldade, as importações de cavacos na Ásia alcançaram um novo volume recorde em 2014, pelo quinto ano consecutivo”, afirmou o diretor de Investimentos Florestais da RISI.

Um dos grandes diferenciais da celulose brasileira para ganhar essa corrida reside no fato de ser uma das mais sustentáveis do mundo: desde a plantação de pinus e eucalipto (já que as florestas plantadas são as que mais tiram gás carbônico da atmosfera) até o ciclo industrial (com o reaproveitamento de energia gerada durante o processo de produção de celulose pelas próprias empresas). “Isso se torna um grande diferencial, na medida em que cresce a preocupação com o meio ambiente e a sustentabilidade no mundo. Outro destaque deve-se ao fato de o Brasil ter o menor ciclo de plantio e colheita do mundo, de apenas seis anos. O Chile, por exemplo, leva 20 anos para fazer a colheita. Isso contribui para tornar as florestas plantadas brasileiras as de maior produtividade”, destacou a presidente executiva da Ibá.

“Pode-se dizer que o Brasil é a ‘Arábia Saudita’ da

biomassa, com todas essas condições favoráveis. Ainda temos um desafio logístico em função da infraestrutura de ferrovias e portos, mas com o tempo, política pública adequada e investimentos, será solucionado. Essa combinação coloca o Brasil na posição de liderança competitiva, pois propicia a expansão de sua produção e, conseqüentemente, o incremento nas exportações”, destacou o diretor comercial da Eldorado Brasil.

A Nine Dragons reconhece esse aspecto. “Com uma das maiores capacidades de fabricação do papel no mundo e produção interna limitada, a China necessita de fornecedores chave em países produtores de celulose, incluindo o Brasil. As quantidades de celulose provenientes de cada país dependerão de sua relação preço–valor comparativo. Hoje, já existe uma relação comercial mutuamente benéfica entre a China e o Brasil”, afirmou o executivo, que porém, sinaliza: somente as empresas que constroem marcas e sustentabilidade através da inovação, com ênfase na qualidade, disciplinas de gestão e governança corporativa/social podem continuar a sobreviver e prosperar. “As empresas que puderem demonstrar tais valores serão capazes de manter vantagens competitivas de longo prazo, tanto no mercados interno quanto externo, incluindo o Brasil, ao mesmo tempo que exportar para o Brasil pode se tornar um dos canais viáveis de expansão. Nós já observamos que o volume de papelcartão exportado da China para o Brasil cresceu mais de 30% de 2013 para 2014”, destacou a Direção da Nine Dragons.

John Zhao, da Shandong Chenming Paper, que atua no mercado de papéis capa para caixas, papéis para imprimir e escrever e papelcartão, discorda. Para ele, a capacidade atual é muito maior que a demanda, e a economia global está muito fraca, em especial para as relações com o Brasil. “As exportações de papel para o Brasil caíram consideravelmente em comparação ao mesmo período do ano anterior. Se, contudo, a moeda brasileira e a economia voltarem ao ‘normal’, a demanda de papel crescerá, bem como as importações da China. Do contrário, as empresas terão de repensar uma solução estratégica”, disse Zhao.

### Expectativas e desafios

Entre prós e contras, os players brasileiros estão bastante otimistas com esse mercado, e o atual cenário econômico não exercerá fortes influências nas negociações internacionais para o setor de papel. “Os desafios são mais internos, como controlar custos em meio a uma inflação, com expectativas de que encerre 2015 acima de 9%, e conseguir mais incentivos a pesquisas para manter a posição de liderança do Brasil em produtividade florestal”, contextualizou a presidente executiva da Ibá.

Tyszler, da Suzano, concorda com a afirmação, dizendo que o cenário atual é de demanda mundial aquecida. “A

proporção do volume de celulose vendida para a China deve aumentar, pois é a região que tem registrado as maiores perspectivas de crescimento”, afirmou. Ele considera relativa a desaceleração da economia chinesa, pois 7% de crescimento em um PIB de trilhões de dólares representa muito mais que vários outros mercados. Além disso, o consumo doméstico tem crescimento superior. “O preço da celulose é muito relacionado a oferta e demanda. Enquanto a demanda continuar em alta e a oferta entrar em ritmo gradual, será isso que determinará o preço, independentemente da moeda local. Hoje temos a demanda forte e a oferta limitada da celulose relacionada às novas capacidades. Dessa forma, precificamos, fazendo o preço crescer mais ou diminuir”, explicou o diretor da Suzano.

O diretor comercial da CMPC também tem boas perspectivas, mas adianta que o ano de 2015 é uma fase de transição para a fábrica de Guaíba (RS). Por isso, a maior participação no mercado asiático ficará para 2016, visto que Guaíba II iniciou em maio deste ano e ainda está na fase de construir estoques. “Neste ano deveremos produzir por volta de 700 mil toneladas com a nova linha de produção e colocar algo como 600 mil toneladas nos vários mercados”, contextualizou Kilpp.

“A expansão de capacidade das fabricantes de celulose brasileira expressam o interesse nesse mercado”, afirmou o diretor executivo comercial e de Logística Internacional da Fibria. “Em maio deste ano, a Fibria anunciou o Projeto Horizonte 2, que irá construir uma segunda linha de produção na unidade de Três Lagoas, com capacidade anual de 1,75 milhão de toneladas de celulose. Prevista para entrar em operação no quarto trimestre de 2017, a unidade atingirá a capacidade total de produção de 3,05 milhões de toneladas de celulose/ano. Considerando-se todas as nossas unidades, a Fibria terá capacidade de mais de 7 milhões de toneladas/ano. Essa celulose a ser produzida na futura fábrica terá o mercado asiático como

“A fábrica precisa de regularidade de embarques e volume. A China evoluiu muito nesse aspecto, especialmente nos últimos três anos”, disse Sérgio Kilpp, da CMPC – Celulose Riograndense



DIVULGAÇÃO CELULOSE RIOGRANDENSE



um dos principais destinos”, destacou Van Keer. Outra ação que visa a esse mercado e demais regiões consiste no contrato firmado em maio deste ano entre a empresa e a Klabin para o fornecimento de celulose de fibra curta a ser produzida na nova fábrica da Klabin (Projeto Puma) a partir do próximo ano. O acordo estabelece exclusividade da Fibria nessa comercialização para países fora da América do Sul e aquisição de volume mínimo de 900 mil toneladas anuais de celulose de fibra curta.

Há, porém, uma situação preocupante para a China que não pode ser descartada: as medidas antidumping de muitos países enfrentadas pelos fabricantes chineses, o que tem afetado os lucros, uma vez que muitas companhias não têm recebido pedidos suficientes para produzir nas máquinas. Recentemente, os Estados Unidos também anunciaram novas taxas para algumas fábricas na China.

Para driblar esse desafio, a Shandong Chenming Paper tem apostado em seu fortalecimento corporativo, investimentos em equipamentos e tecnologias, melhora da qualidade dos produtos, variedade do mix e foco em pesquisa e desenvolvimento. Com operações em teste, a unidade Jiangxi Chenming produzirá 350 mil toneladas de papéis para embalagens de alta qualidade. Outro investimento refere-se à extensão da recentemente inaugurada ferrovia Shouguang Chenming, possibilitando futuramente redução dos custos.

Preparando-se para esse cenário mais competitivo, a Nine Dragons já estabeleceu uma rede de nove bases que abrange os principais centros de produção na China e no Vietnã, bem como uma clara posição

de liderança no mercado e “one-stop shop”, com as maior variedade em produtos para embalagem. “O mercado de papel na China é verdadeiramente livre, com pouco apoio do governo ou subsídios para a indústria. Temos de oferecer os produtos que nossos clientes realmente querem, com o máximo possível em qualidade, serviço e preço. Precisamos de esforços contínuos para melhorar nossa produção e o controle de nossos custos. Dessa forma, uma elevada eficiência e o resultado ideal podem ser alcançados por todos os participantes no mercado. A mesma fórmula deve ser trabalhada nos mercados de importação e exportação”, concluiu a Direção da Nine Dragons.

“Todas as tendências de mercado impulsionam os fabricantes de papel a aproveitarem as oportunidades e se concentrarem no desenvolvimento de redes, isto é, soluções digitalizadas e inteligentes para promover uma nova forma de produção sustentável que seja eficiente em termos energéticos e de baixo custo. As novas regulamentações do governo chinês sobre a redução da utilização de embalagens de plástico também impulsionarão uma maior aplicação de embalagens de papel”, pontuou Flávio Silva, presidente da Voith na América do Sul.

Em função dessa política mais rigorosa do governo chinês para conservação do meio ambiente, especificamente em relação ao consumo de energia e emissão de resíduos, Silva afirmou que também vê oportunidades não só para os fabricantes, mas também para os fornecedores, com a substituição de máquinas desatualizadas ou obsoletas nas empresas do país asiático. ■

## COM A PALAVRA, OS CHINESES DO ABTCP 2015

*“Como um dos maiores fornecedores para a produção de papel e com projeção de crescimento de longo prazo na produção e exportação de celulose, o Brasil se tornou um pioneiro no segmento. Adicionalmente, com a atenção e o suporte do governo, as tecnologias para a produção de papel e o maquinário se desenvolvem rapidamente, o que tem desempenhado um papel cada vez mais importante no aumento da concorrência internacional. Por esse motivo, a tradição faz da indústria papelreira do Brasil uma excelente plataforma de compartilhamento tecnológico com a maioria dos países. Através desta exposição, temos a meta de não só melhorar a imagem de nossa marca, mas também fortalecer a comunicação, de forma que todos possam avançar em uma boa direção. Não é somente uma questão de oportunidade, mas também um desafio significativo.” Zhang Shujuan, gerente comercial da Shandong Jiefeng Machinery Manufacturing Co.,Ltd.*

*“Como todos sabemos, a América do Sul é um mercado em franco desenvolvimento com uma demanda massiva, e o Brasil é o maior país da região com uma grande população e também com grande influência. Então nós, da Guangdong Guanhao High-Tech Co., Ltd., acreditamos que este evento nos dará uma boa chance para nos apresentarmos ao mercado e será um sucesso!”*

*“A Exposição da ABTCP deve construir uma ponte próspera entre o Brasil e a China na indústria de papel e celulose, que pode se tornar uma grande parceria estratégica entre dois países líderes no segmento.” Weifang Greatland Chemicals Co., Ltd.*

*“Pela segunda vez a M&M Industries Co.,Ltd. participará da Exposição da ABTCP, já que a América do Sul é reconhecida como uma das mais importantes regiões para o mercado de fios para enfardamento de celulose. Sendo um dos maiores fornecedores de celulose, o Brasil é muito importante para a M&M, que buscará se aproximar mais deste mercado nos próximos anos a fim de aumentar sua participação.”*

*“A ABTCP 2015 será uma grande oportunidade para a Shuangliang Eco-energy mostrar a aplicação do chiller de absorção na indústria de papel e celulose. Até o momento já fornecemos mais de 30 chillers para esta indústria no Sudeste Asiático e ajudamos nossos clientes a economizar muito com custo de energia. Acreditamos que nossa solução de eficiência energética baseada em chiller de absorção poderá beneficiar também as empresas brasileiras.”*

*“A ABTCP tem uma grande exposição, que sempre nos ajuda a desenvolver novos clientes e amigos na indústria de papel e celulose. Nós só temos a agradecer. A Wenrui fornece produtos e serviços de excelente relação custo-benefício, especialmente em linha de fibras, planta de evaporação e planta de caustificação. Acreditamos que a cooperação trará mais sucesso a todos os nossos clientes! Amigo, seja bem-vindo ao nosso estande nº 6, na ABTCP-2015!” Leon Chang - Wenrui Machinery (Shandong) Co., Ltd.*